



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOSÉ GLAUBER SALDANHA MAIA

VIDAS SECAS: O SENTIDO DO HUMANO, O REGIONALISMO E A SOLIDÃO
PRESENTES NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Catolé do Rocha - PB

2017

JOSÉ GLAUBER SALDANHA MAIA

**VIDAS SECAS: O SENTIDO DO HUMANO, O REGIONALISMO E A SOLIDÃO
PRESENTES NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS**

Artigo Científico apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba -
UEPB para conclusão do curso de Letras-
Português.

Orientador: Rômulo César Araújo Lima

Catolé do Rocha - PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M217v Maia, José Glauber Saldanha
Vidas Secas: o sentido do humano, o regionalismo e a solidão
presentes na obra de Graciliano Ramos [manuscrito] / Jose
Glauber Saldanha Maia. - 2017.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima,
Departamento de Letras e Humanidades".

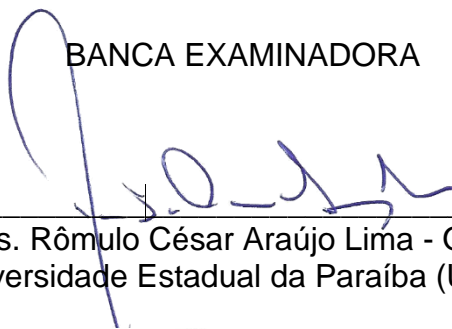
1. Graciliano Ramos. 2. Vidas Secas. 3. Literatura I. Título.
21. ed. CDD B869.3

JOSÉ GLAUBER SALDANHA MAIA

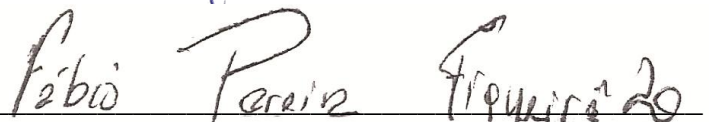
**VIDAS SECAS: O SENTIDO DO HUMANO, O REGIONALISMO E A SOLIDÃO
PRESENTES NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS**

Aprovada em: 21 de março de 2017.

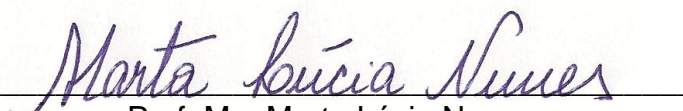
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Rômulo César Araújo Lima - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Marta Lúcia Nunes
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)

VIDAS SECAS: O SENTIDO DO HUMANO, O REGIONALISMO E A SOLIDÃO PRESENTES NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

José Glauber Saldanha Maia¹

Rômulo César Lima Araújo ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal promover uma análise da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e como objetivos específicos avaliar e contextualizar os personagens, teorizar sobre o sentido do humano, do regionalismo e da solidão na obra, além de discutir a questão da construção do enredo. A metodologia é a análise bibliográfica. Conclui-se que coube ao escritor considerar as peculiaridades e os elementos que compõem o cotidiano, a realidade e a linguagem produzida em meios sociais semelhantes. Graciliano Ramos aproximou-se do leitor através desse recurso, o da linguagem, típica das massas, coloquial, habitual, sem, por isso, comprometer o valor de sua obra; pelo contrário, potencializou-a.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. Literatura.

ABSTRACT

This work aims to promote the work analysis *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, and specific objectives are to assess and contextualize the characters, theorizing about the meaning of human, regionalism and loneliness in work, in addition to verifying the question of plot. The methodology is the literature review. It was concluded that it fell to the writer consider the peculiarities and elements that make up everyday life, reality and language produced in similar social backgrounds. Graciliano Ramos approached the reader through this feature, language, typical of the masses, colloquial, usually without therefore compromising the value of his work; On the contrary, she potentiated.

Keywords: Graciliano Ramos. *Dried lives*. Literature.

¹Aluno do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da cidade de Catolé do Rocha – PB.

² Professor Orientador do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da cidade de Catolé do Rocha – PB.

INTRODUÇÃO

No Brasil dos anos 30, tivemos o período ditatorial comandado por Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo, que aliou o autoritarismo ao populismo. É neste cenário que Graciliano Ramos constrói sua obra *Vidas Secas*, tema do presente artigo, onde a desigualdade social entre os grandes latifúndios (coronéis) e os sertanejos é o grande tema para discussões acerca das questões de justiça social e sobre as condições subumanas que este estrato da população vivia.

O livro revela uma realidade desconhecida para a maioria dos brasileiros. Mostra a seca e suas consequências para os nordestinos. A condição humana se assemelha à do animal. Destaca a indiferença do governo com os problemas de várias ordens dessa população, além de reforçar a submissão do povo com relação ao governo e ao poder militar, como apostam Pinho et. al. (1998).

Vale ainda ressaltar que Graciliano Ramos sofreu com a ditadura, foi perseguido e preso durante o governo provisório em 1936, acusado de subversão. Representando o governo, na narrativa de *Vidas Secas* surge a figura do soldado amarelo, no capítulo *Cadeia*, simbolizando o poder da época: desleal, injusto e autoritário.

O personagem concebe a ideia de que o governo representa todas as partes, confirmando a imagem de Getúlio, pai de todos. No entanto, Fabiano vivencia o oposto e a superioridade do governo fica abalada com esse acontecimento.

Desta forma, o objetivo principal da pesquisa é promover uma análise da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e os objetivos específicos são avaliar e contextualizar os personagens, teorizar sobre o sentido do humano, do regionalismo e da solidão na obra, além de verificar a questão do enredo. A metodologia é a revisão de literatura.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PERSONAGENS

Para que se entenda a motivação que levou Graciliano a caracterização do enredo e dos personagens de *Vidas Secas*, cabe selecionar algumas experiências do próprio autor durante o período do governo militar e a fase modernista no Brasil, como mostram Pinho et. al. (1998):

- Em 1928, Graciliano é eleito prefeito de Palmeiras dos Índios, em Alagoas.
- Graciliano renuncia à prefeitura, em 1930; transfere-se para Maceió, onde é nomeado diretor da Imprensa Oficial. Demite-se do cargo no ano seguinte e retorna a Palmeiras dos Índios.
- Nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, em 1933.
- Em 1936, Graciliano é demitido do cargo pelo regime político. No mesmo ano, o escritor publica o romance *Angústia* e é preso, sendo, por isso, encaminhado ao Rio de Janeiro.
- Dessa fase na prisão, resulta *Memórias do Cárcere*, publicado em 1953.
- Em 1937, ao sair da prisão, Graciliano passa a morar no Rio de Janeiro e a escrever em jornais. Um ano depois, publica *Vidas Secas*.
- Nomeado Inspetor Federal do Ensino, em 1939.
- Ingressa no Partido Comunista Brasileiro, em 1945, após viagens a Tchecoslováquia e à União Soviética.
- Sua morte data de 20 de março de 1953.

Além de sua atuação constante no cenário político brasileiro, Graciliano deixou em suas obras um cuidado formal irrepetível. Estudos afirmam que o escritor reescrevia seus livros com certa frequência, eliminando tudo aquilo que considerasse excessivo. Graciliano é reconhecido pela crítica literária um exemplo de elegância e de elaboração, talvez, por conta desse estilo enxuto, no qual predominam substantivos, e não adjetivos. (BRAYNER et al., 1978)

Embora, a maioria das obras de Graciliano apresente características regionais, as perspectivas quanto ao romance de 30, o pitoresco e a descrição, transcendem em absoluto. Conforme Pereira (2006), ao explorar a temática regional, o escritor dá ênfase não apenas as problemáticas vividas pela sociedade da época, mas ainda analisa profundamente a relação do homem com o meio, através de elementos psicológicos e linguísticos. Pode-se afirmar que Graciliano tornou-se não

exatamente um escritor brasileiro consagrado, por suas explanações regionais, já que suas obras buscaram compreender a condição humana diante o capitalismo, ao militarismo e a ausência de democracia, instituindo-se, portanto, um caráter universal.

Precisamente, *Vidas Secas*, romance de 1938, ainda repercute na crítica literária contemporânea, tendo em vista a técnica narrativa, a linguagem, a temática e a exploração da condição de vida de retirantes brasileiros. Segundo Pereira (2006): "Será um romance? É antes uma série de quadros, de gravuras em madeira, talhadas com precisão e firmeza." (p. 102). E, também, por ser uma narrativa respaldada na autonomia:

As narrativas autônomas possuem uma dupla função na sintaxe narrativa: captam formalmente a fragmentação do mundo em que deambulam os personagens e, simultaneamente, representam as relações humanas, não interrompendo a linhagem de indagações em que Graciliano Ramos se debruçara. Consegue com isso explorar planos de realidade distintos, significante totalmente quando relacionados entre si. É um dos poucos casos em que a soma das partes é maior que o todo. (COUTINHO, 1970, p. 341)

Conforme Carvalho (2002), a seca representou para Graciliano a consequência da relação homem-terra-sociedade, apresentada através de pequenas narrativas isoladas e de uma visão bastante particular sobre o problema rural e as famílias que sobrevivem longe das grandes cidades. Logo, expor essa temática, num ritmo tácito, em que predomina a seca e o nordeste, foi o recurso mais plausível diante o período de ditadura. Graciliano não atacou diretamente o governo, nem mesmo exibiu palavras de cunho comunista, destacou, apenas, a linguagem coloquial brasileira e a difícil situação de famílias desprovidas de assistência e oportunidades.

A fim de retratar fielmente a realidade rural brasileira, e ainda escapar da ditadura, Graciliano, em *Vidas Secas*, usa como recurso a linguagem narrativa, que, de certa forma, distancia autor da obra. No entanto, tal postura releva uma adequação perfeita entre a restrição vocabular daquela gente e a pobreza dessas vidas, uma "magreza de sua prosa", como denomina Coelho (apud BRAYNER et al., 1978): "nosso romancista consegue aqui uma total adesão à realidade através de uma extraordinária economia de termos: o vocabulário exato, a frase seca, curta, direta, revelando apenas o essencial"(p. 67).

2 O SENTIDO DO HUMANO

Para Bosi (2002), a obra romanesca de Graciliano Ramos abarca o inteiro processo de formação da realidade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações. Nada existe nele em comum com aquele estreito regionalismo, que foi uma das manifestações brasileiras do naturalismo "sociológico". Trabalha o destino de seus personagens, seu modo de agir e de reagir em face das situações típicas de toda a realidade brasileira.

No "regional", a Graciliano, interessa apenas o que é comum a toda sociedade brasileira, o que é "universal". Mas não um universal abstrato e absoluto, pretensamente válido em toda e qualquer circunstância. A universalidade de Graciliano é uma universalidade concreta, ela se alimenta e vive da singularidade, da temporalidade social e histórica. O que lhe interessa não é a exemplificação, por meio da literatura, de teses e concepções apriorísticas: é a narração do destino de homens existentes, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. Por isso, ele pôde descobrir e criar verdadeiros tipos humanos, diversos tanto da média cotidiana como da caricatura abstrata. (CANDIDO, 1992)

Segundo Facioli et al. (1987), a crise da sociedade colonial brasileira apresentava-se no Nordeste com cores mais vivas e intensas do que no resto do Brasil. Os movimentos de renovação e de transformação, que, já no século XIX, começavam a esboçar-se (apenas a esboçar-se) por todo o País, chocavam-se no Nordeste com barreiras mais rígidas, com obstáculos quase intransponíveis. As esperanças de renovação democrática da sociedade eram violentamente cortadas; a ausência de uma classe social efetivamente (e não apenas potencialmente) revolucionária condenava os que pretendiam lutar por uma nova comunidade à solidão e à incompreensão.

Deste modo, na medida em que aí as contradições eram mais "clássicas" (no sentido de Marx), no Nordeste, a sua crise expressando — em toda a sua crueza e evidência — a crise de todo o País. Não é assim um fato do acaso que tenha sido o romance nordestino da década de 30 o movimento literário mais profundamente realista da história de nossa literatura:

No Brasil, apesar de a independência política ter sido formalmente declarada em 1982, todo o século XIX e a primeira metade do XX foram caracterizados pela colonização cultural e econômica. Diante disso, o modo de produção e

seu processo espoliador em relação às classes não privilegiadas levaram a consequências semelhantes àsquelas visíveis nas colônias portuguesas na África e em Portugal (OLIVEIRA, 2008, p.17-8).

Dentro de um contexto de falta de perspectivas, para Holanda (1992), Graciliano Ramos pintou o drama da solidão humana; revelando paradoxalmente por meio de um prisma particular o seu espírito aberto para o próximo, espírito que compreendeu agudamente a tragédia da falta de amor e de compreensão entre os homens.

Em *Vidas Secas*, a imagem da solidão é mais densa que em outros romances seus. Escrito em 1937, primeiramente em capítulos publicados em jornais semanalmente, este livro retrata verdadeiros "quadros" da realidade do nordestino, em face do meio que o rodeia. A proposta inicial (capítulos independentes) explica a sua estrutura peculiar. Os capítulos têm vida própria, técnica esta não usada em obras suas anteriores. (HOLANDA, 1992)

Miranda (2004) complementa que, em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos usou de uma técnica narrativa totalmente diversa. A estrutura desse livro, seguindo a ordem cronológica dos fatos, torna bem claro o ciclo ininterrupto do flagelo da seca; começa no findar de uma e acaba com o início de outra, como se a vida fosse uma corrente em que os elos se repetissem sempre iguais, numa fatalidade aceita.

Neste romance, o estilo peculiar de Graciliano, isto é, a concisão, precisão e sugestão dos vocábulos chega à sua forma mais depurada, revelando bem a já tão comentada "magreza" de sua prosa. O nosso romancista consegue aqui uma total adesão à realidade por meio de uma extraordinária economia de termos: o vocábulo exato, a frase seca, curta, direta, revelando apenas o essencial. Como podemos perceber na passagem a seguir:

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado percorrer veredas, afastando o mato com as mãos (RAMOS, 1997, p.17).

Este estilo seco e contido, já tão esmiuçado pela Crítica, é realmente um dos grandes fatores na força emotiva que emana do livro e na caracterização da criatura subumana, do homem telúrico aí retratado.

Miranda (2004) ainda afirma que Graciliano nos dá em *Vidas Secas* um retrato pungente do homem nordestino, o homem que nasce condenado às imposições duras

da terra, vivendo sob a contínua ameaça do braseiro do sol que estende sobre ele a devastação e a morte em ciclos eternos, fazendo-o arrastar-se como "um cão sem pluma" à procura de regiões menos hostis e deixando-o depois voltar para reiniciar a sua valente luta sem quartel. Sendo assim:

Na Planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (RAMOS, 1997, p.9).

A imagem presente no trecho anterior denuncia o quanto os sertões nordestinos são duros, crestados e cruéis. E quem por lá passou não pode esquecer mais as impressões, as marcas da solidão que pesa nos olhos, nos ouvidos e na alma daqueles que estavam ali de passagem:

Os traços rudimentares do grupo vão, pouco a pouco, formando uma 'carapaça' distinta daquela conceituada por Sartre como linguagem, que protege os homens dos outros homens e determina sua inscrição no mundo. No contexto em que se encontram, os 'cambembes' estão de passagem pelo próprio mundo, não se inscrevem nele (OLIVEIRA, 2008, p.37).

Para Souza (1992), em *Vidas Secas*, os personagens são uma metonímia da solidão no sentido mais completo do termo. Solidão esta que apesar de ser externa - causada pelo aspecto físico da região a seca - consegue penetrar e alojar-se no espírito daquele que a vivencia. Sem dúvida, melhor cenário Graciliano não poderia ter encontrado para explorar uma temática de cunho universal como a solidão humana.

Nesse cenário, ele joga o grupo humano que vai viver o drama sempre renovado, pois o grupo não tem pouso fixo. Na obra de Graciliano, a luta é lenta, profunda e interminável. Já não é o Homem contra o Homem, mas o Homem contra a Natureza. O adversário do homem nos é apresentado como uma paisagem dura, agressiva, desafiadora que por todo o lado só sugere destruição e morte:

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos em redor de bichos moribundos. (...) Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. Avizinhou-se da casa. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, examinou a caatinga,

onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus (RAMOS, 1997, p. 9-12).

Como podemos constatar nas citações, tudo em torno ao homem parece conspirar para destruí-lo; mas inexplicavelmente, ele a tudo resiste, faz de sua fraqueza a força que vence pela resistência passiva. Fabiano é esse homem. Tosco, primitivo, desajeitado, forte e isolado dos outros homens porque não sabe como se comunicar com os seres de sua espécie:

Se ele soubesse falar como sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hem? Que iam ganhar? (RAMOS, 1997, p.97).

Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos (que não são nomeados) congregam-se numa união inconsciente contra a inclemência da natureza. Juntos tentam se defender nesse combate desigual. Mal falam, mal sabem coordenar os pensamentos. Comprovamos no capítulo *Festa* o quanto a família é desprovida de conhecimentos e de compreensão do mundo ao redor:

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. (...) Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem (RAMOS, 1997, p.84).

Por intermédio do monólogo interior, a narrativa nos mostra o interior de cada membro do grupo repleto de imprecisão e de limitação como são limitadas as perspectivas de suas *Vidas Secas*:

Sim senhor; arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos (RAMOS, 1997, p.17-8).

Oliveira (2008) ressalta que neste romance está a realização do projeto de Graciliano, o desejo de encontrar o sentido da vida, logo, não há lugar para o egoísmo e ao comprovarmos isso descobrimos que o Amor é o elemento que une as criaturas gracilianas que lutam contra um inimigo poderoso e inanimado.

Sendo assim, congregados contra um inimigo comum, espera-se que entrem em comunhão, mas isso não se dá completamente porque esta sensação é temporária, pois o que as une não é aquela integração, aquela comunhão real, sem a qual o homem não se realiza como homem. Apesar de unidos, persiste em cada um o isolamento íntimo que os separa. São primitivas e puras as intenções que os movem.

Não há o desejo de ferir que aparece constantemente nas outras personagens gracilianas. Fabiano e sua família são o retrato do homem bruto, impossibilitado de se movimentar num mundo socialmente reconhecido, pois não tem a ponta de língua de sinhá Terta. Sendo assim, está unido ao Outro apenas pela implacável contingência de enfrentar o meio natural hostil:

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (RAMOS, 1997, p.13).

Para Miranda (2004), a demonstração de solidariedade é afastada como algo reprovável, como a transgressão de alguma norma. Frente ao desastre que o ameaça, o Homem procura o Outro, da mesma forma que se aproxima dos animais. Homens, bestas, plantas estão num só nível, igualados pela mesma força fatal que conduz a um e a outro. Graciliano nos mostra como os heróis apagados de um heroísmo espantoso, inconsciente, resignado e tenaz; como se esta fosse a autêntica Luta, a única luta digna de respeito: a da Vida contra a Morte.

Esta luta é travada, assim, por Fabiano e Baleia, sinhá Vitória e os dois meninos, os mandacarus, juazeiros e xiquexiques, seres congregados para suportarem com impassibilidade e resignação a trágica fatalidade que num encadeamento inflexível se abate sobre eles. Não há revolta em seus íntimos, há a aceitação resignada que a firme esperança de uma vitória ilumina.

Passada a fase crucial da seca, sentem no ar, nas coisas, os índices de que um novo ciclo vai começar; que eles venceram mais uma vez:

[Fabiano] subiu a ladeira. A aragem morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na caatinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas. (...) A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer, o dono daquele mundo. (...) Uma ressurreição (RAMOS, 1997, p.17).

A tenaz esperança de vencer o flagelo alimentara-os e preservara-os; eram criaturas, plantas e animais reduzidos a um mesmo plano de valor: todos eles condenados à Luta pela afirmação da própria existência. Já aqui não contra o próprio homem, mas contra a natureza hostil e vencedores apesar de tudo, pois esta é a Luta "justa" pela sobrevivência da espécie. Diante disso, o sertanejo migra para uma terra desconhecida, mas que pode ser uma possibilidade:

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando como Baleia. Que iria fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos (RAMOS, 1997, p.126).

Deste modo, conforme Pereira (2006), *Vidas Secas* apresenta-se também com aquele caráter que marca inapelavelmente todas as personagens de Graciliano: a solidão anterior, a irremovível impossibilidade de comunhão com o próximo, pois a única via de acesso; o amor, não foi tentada pelo Autor. Entretanto, a ação corrosiva e destruidora da solidão não encontra campo propício para fazer medrar os impulsos egoístas de suplantação pessoal, pois há um inimigo comum a enfrentar, passo a passo: a natureza flageladora, amada e temida como um adeus generoso e violento.

Facilmente pode-se verificar que nas poucas vezes em que Fabiano é obrigado a misturar-se com os homens em coletividade, sua reação é de aturdimento e incompreensão. Dentro de sua rusticidade, Fabiano é um homem em estado puro, temente das forças da natureza e conseqüentemente das leis que ele nunca compreende. Veja-se, por exemplo, o episódio com o soldado amarelo:

Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira (RAMOS, 1997, p.37).

Fabiano encolhe-se e dobra-se como que ao peso de uma consciência secular de servidão inconsciente diante do soldado amarelo, embora sendo ele um homem forte e corajoso como bem define o narrador. Por mais que tente, a significação dos

atos e reações alheias lhe escapa completamente. Os limites de sua ambivalência são tão estreitos que não lhe permitem um passo além dos impulsos naturais e instintivos.

Logo:

Difícil pensar. (...) O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos (RAMOS, 1997, p.36).

Como podemos constatar no trecho anterior, há por parte de Fabiano uma total impossibilidade de compreender o real sentido dos gestos e reações dos outros é o que marca o isolamento dele. A mesma impossibilidade que persiste, em todos os livros de Graciliano, como uma barreira invisível a separar os homens, a impedir que se entendam, se amem e se completem.

Assim, as vidas truncadas, limitadas estão isentas da ação corrosiva da luta pela sobrevivência individual dentro da coletividade, pois ali não é esta que ameaça destruí-los, é outra força: é a da natureza madrasta e contra ela a união faz-se necessária. Embora, afinal, toda luta acabe inútil, pois os homens terminarão como os retirantes: como a Baleia, tal como antevê Fabiano: "eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia".

3 A QUESTÃO DO ENREDO

Carvalho (2002) mostra que o enredo de *Vidas Secas*, correspondendo à realidade relativamente simples e pouco densa, apresenta-se também simples: ao invés dos longos desdobramentos que caracterizam o romance realista do período de formação e ascensão da burguesia. Depara-se aqui com uma realidade quase linear, sem conflitos dramáticos intensos e restrita a um curto período temporal na vida de uma família de retirantes.

Sendo assim, tangidos pela seca, Fabiano e os seus emigram em busca de uma região mais favorável; terminam por se fixar em uma fazenda abandonada, na qual Fabiano passa a trabalhar após entrar em acordo com o patrão, sempre ausente e distante: com a volta da seca, eles são novamente obrigados a abandonar a fazenda e a retornar a emigração. O romance situa a ação entre estas duas secas, isto é, no período do estabelecimento provisório da família de Fabiano.

Para Holanda (1992), a profundidade de Graciliano, entre outras coisas, revela-se no fato de que - neste curto período de tempo e neste limitado espaço - tenha ele aflorado e reproduzido a totalidade dos problemas implícitos no desdobramento da ação, sem necessidade de recorrer a largos panoramas e ações paralelas, o que não corresponderia ao baixo nível psicológico dos personagens nem a pouco densa realidade na qual eles atuam.

Tem-se assim, relacionados em uma estrutura organicamente coerente, os vários problemas que generalizam e tipificam o universo agrário brasileiro, representado em situações e destinos humanos concretos: a exploração social, a solidão dos personagens, a consciência contraditória (entre passividade e revolta) do camponês brasileiro, a frustração de suas mais ínfimas aspirações, as possibilidades (concretas e abstratas) de transcender a situação de miséria, etc.

Segundo Bosi (2002), apenas aparentemente o nomadismo de Fabiano decorre de um fenômeno natural, da seca: ele se liga, em primeira instância, ao fato de não ser Fabiano um proprietário, o que o impede de vincular-se definitivamente a terra; e, em seguida, ao baixo nível tecnológico da exploração agropecuária, o que torna os homens impotentes na luta contra os fatores naturais (como seca). Em suma, a problemática de Fabiano decorre diretamente do caráter retrógrado e improdutivo da nossa estrutura agrária, inteiramente inadequada para proporcionar um nível de vida mesmo medíocre aos camponeses brasileiros.

Obstaculizando o avanço das forças produtivas e dispersando os camponeses, o latifúndio - o monopólio da terra - torna-se a causa da exploração e da miséria no campo brasileiro; ele - e não a seca, que só tem efeitos catastróficos por causa da estrutura social de dominação da natureza, que tem no latifúndio a sua peça central - encarna o mundo convencional e vazio que impede Fabiano de levar uma vida autêntica e humana. (BOSI, 2002)

Solitário, conseqüentemente impotente, Fabiano é presa fácil da exploração e do embuste, impossibilitado de reagir não só às trapaças de seu patrão (nas quais a exploração se faz evidente e imediata), como às violências do "soldado amarelo", que representa o governo que sanciona e protege a dominação latifundiária. Apesar de sua pouca compreensão das relações de produção, Fabiano questiona a postura do soldado amarelo:

[...] por mais que forjasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza (RAMOS, 1997, p.34).

Cândido (1992) esclarece que, sem as respostas necessárias e fundamentais para uma mudança de atitude, Fabiano é obrigado a aceitar e transigir com as diversas condições que o mundo lhe impõe. Não pode comprar a cama de lastro de couro, única aspiração de sinhá Vitória; não pode reagir à cobrança de impostos, manifestação imediata da ação de um governo do qual não participa e que lhe aparece como um fetiche exterior e distante; não pode se livrar da absurda prisão, daquela kafkeana irrupção em sua vida de um ordenamento social que ele não tem condições de compreender, já que não contribuiu para criá-lo.

O autor (1992) complementa ainda que é a sua solidão radical, a sua marginalização involuntária da comunidade humana, da integração com os seus semelhantes, que o torna impotente e passivo, obrigado a aceitar e a capitular em face das regras de um jogo absurdo, regras que ele não discutiu, de cuja confecção não participou e cujos autores ignora. Desligado do grande mundo da história, da participação criadora na vida pública, o campesinato brasileiro - do qual Fabiano é um típico representante - está igualmente condenado (socialmente condenado) ao restrito pequeno mundo da solidão, o qual, neste caso, não possui nem mesmo os refinados atrativos do seu equivalente nas classes dirigentes.

Contudo, para Facioli et al. (1987), a passividade se combina em Fabiano com um profundo sentimento de revolta, de reação a um mundo absurdo, que lhe é hostil por razões que ele não chega a perceber. Este sentimento de insatisfação revela-se frequentemente: em sua contraditória atitude em face do "soldado amarelo" (e do governo que ele representa), no seu inútil desafio lançado a todos quando está bêbado na festa da cidade, no seu desejo irrealizado de abandonar aquela vida de miséria e humilhações pelo cangaço, etc.

Todas estas atitudes revelam certamente possibilidades de reação ao mundo hostil e desumano; contudo, ainda que Fabiano não execute nenhuma delas (nem mate o soldado amarelo, nem brigue com todos, nem se torne cangaceiro), sabemos - como também Graciliano - que elas não passam de possibilidades abstratas, formuladas a partir de um projeto puramente individual e que são por isso impotentes para modificar a realidade. A execução de qualquer delas revelaria mais cedo ou mais

tarde a sua abstratividade, contribuindo assim para tornar insolúvel a problemática do nosso personagem.

Facioli et al. (1987) complementam que apesar da passividade exterior (da não execução de seus planos), em nenhum momento Fabiano desiste de lutar, de resistir ao mundo hostil, de buscar uma realização humana que o arranque da condição de animal e o conduza a um mínimo de dignidade que torne possível uma vida realmente humana.

O conteúdo de seu inconformismo - a força demoníaca que o impele para frente, mantendo sempre viva a esperança - não é a complexa busca de valores (individualistas ou comunitários) que caracteriza o romance do capitalismo evoluído: é a manifestação imediata do que há de mais elementar no homem, o seu desejo de viver. E é este simples desejo de viver, de auto conservar-se, que o opõe decisivamente a um mundo inóspito, a um sistema de morte e destruição - pois a acomodação ao sistema latifundiário significa, para o camponês brasileiro, uma morte lenta e inexorável. (FACIOLI et al., 1987)

Para Miranda (2004), a passividade absoluta, a adequação àquele mundo vazio e estático, é uma opção - consciente ou não - pela autodestruição: para viver, para garantir as condições mínimas que possibilitem a manutenção de uma vida humana, é preciso se opor à realidade e buscar uma via que aponte para fora daquele universo de miséria e de morte. Portanto, o valor buscado por Fabiano que o leva a contrapor-se a um mundo alienado - busca e contraposição que fazem dele um "herói problemático" - é simplesmente a vida, como realidade imediata.

Desligado da classe social à qual pertence, Fabiano não pode compreender claramente os meios através dos quais é possível a realização do seu desejo de viver. Por isso, este desejo se apresenta nele como uma aspiração problemática, como uma busca solitária.

Ainda segundo Miranda (2004), não levando à prática nenhuma das possibilidades abstratas de reação acima expostas, Fabiano permanece disponível para se engajar na única possibilidade de resolução dos seus problemas que no universo do romance se apresenta como concreta: a integração na nascente economia capitalista, ou pelo acesso à pequena propriedade da terra, ou pela sua transformação em operário urbano. Este é o conteúdo das reflexões de Fabiano, quando de sua segunda "retirada".

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando ... Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-ia depois para a cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles (RAMOS, 1997, p.120).

Naturalmente, segundo Oliveira (2008), esta integração no capitalismo poderá ser a fonte de novos problemas futuramente, que Fabiano ainda não pode perceber: contudo, dentro do universo do romance, isto é, em face do valor buscado - a vida, pura e simplesmente - esta perspectiva representa uma possibilidade concreta de solução, ou seja, de superação dos problemas essenciais que são aflorados (ainda que os substitua por outros), pela criação das condições que permitam a Fabiano ou aos seus descendentes manterem uma vida digna e humana.

Oliveira (2008) frisa que esta perspectiva não é justa apenas do ponto de vista da estrutura formal de *Vidas Secas*, da coerência interna da obra; ela representa o próprio movimento essencial da realidade brasileira, na medida em que o desenvolvimento capitalista pode - o que não significa necessariamente que ele o fará - elevar o nível de vida do nosso campesinato, levando-o a uma condição mínima de dignidade que ele não desfruta. A forma, em Graciliano, não é senão uma maneira justa de representar artisticamente o movimento e a estrutura da realidade.

Assim na obra de Graciliano, Fabiano é o único "herói positivo" - não no sentido de que se realize humanamente, triunfando na luta contra o mundo hostil aos seus projetos; mas no sentido de que é o único que tem a possibilidade concreta de fazê-lo, ou seja, o único cuja solidão - mesmo no interior de sua situação concreta presente - não é necessariamente trágica, podendo ser superada.

E isso decorre naturalmente não de Fabiano enquanto indivíduo, mas da classe social à qual pertence. Pois todo indivíduo, enquanto indivíduo, possui uma ampla margem de liberdade para adotar este ou aquele ponto de vista de classe. Ao contrário do que pensa o mecanicismo - ou, em literatura, o naturalismo - a participação do indivíduo em uma determinada classe social não é um fato mecânico. Esta participação revela-se precisamente nos momentos decisivos da vida de um homem na atitude e na maneira de reagir em face de um problema vital colocado pela realidade, atitude e reação que podem diferir das assumidas normalmente na vida cotidiana. (OLIVEIRA, 2008)

Souza (1992) mostra que Fabiano, tomado isoladamente, pode por certo fracassar, não conseguindo resistir à nova seca ou jamais se tornando um pequeno proprietário. Mas sua classe conseguirá - tem a possibilidade concreta de fazê-lo -

destruir o sistema social que a oprime, atingindo um nível de vida com condições mínimas de dignidade. Na medida em que o verdadeiro tipo realista é uma fusão dialética (não mecânica) de indivíduo e de classe, de singular e de universal, Fabiano - mesmo enquanto indivíduo - possui a possibilidade de realizar objetivamente os valores mínimos a que se propõe.

O futuro de Fabiano é um futuro aberto, contendo a possibilidade de realização ou de fracasso. E esta abertura para o futuro, ao contrário da necessária tragicidade presente em outros personagens dos romances de Graciliano como o Paulo Honório e Luís da Silva, é dada pela própria realidade brasileira. Sendo assim, ao passo que a burguesia latifundiária e a classe média não podem transcender, enquanto classes, o "pequeno mundo" da miséria brasileira, o campesinato é uma classe potencialmente revolucionária, que participa do conjunto de classes sociais que têm real interesse na destruição da miséria brasileira e na criação de um "grande mundo" democrático, de uma nova sociedade.

Pode-se dizer que Fabiano e toda a classe a que pertence podem fracassar em sua busca de realização humana, tendo as suas (ainda confusas) esperanças convertidas em trágicas ilusões (como tem sido o caso até os nossos dias); entretanto, há a possibilidade concreta de que isto não ocorra. Esta possibilidade, assim, é suficiente para permitir a Graciliano esboçar uma perspectiva claramente otimista em seu último romance, *Vidas Secas*, sem com isso sair dos amplos limites do verdadeiro realismo. (SOUZA, 1992)

COSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a análise desenvolvida neste trabalho, *Vidas Secas* é um romance que privilegia o herói coletivo e documenta a luta de classes, que pretendeu ser mais do que uma obra de arte, para se tornar uma ilustração da realidade. Graciliano Ramos explorou as características do regionalismo, a fim de dar enfoque aos problemas sócio-políticos vividos a época, fundamento necessário ao fazer literário exigido pelo momento histórico.

Sabe-se que a produção literária, desde seus primórdios acompanhou os passos da sociedade, bem como sua evolução, suas ideologias, suas crenças, seus problemas, apesar de a literatura, em determinados momentos, renegar os aspectos sociais, a favor da subjetividade e do fictício.

Sendo a literatura o reflexo das necessidades do ser humano, coube ao escritor considerar as peculiaridades e os elementos que compõem o cotidiano, a realidade e a linguagem produzida em meios sociais semelhantes. Graciliano aproximou-se do leitor através desse recurso, o da linguagem, típica das massas, coloquial, habitual, sem, por isso, comprometer o valor de sua obra; pelo contrário, potencializou-a.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- BRAYNER, Sônia et al. **Graciliano Ramos**: seleção de textos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de. **Literatura e promessa**: figuração e paradoxo na literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970.
- FACIOLI, Valentim Aparecido; BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos. **Graciliano Ramos**: antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1987.
- HOLANDA, L. **Sob o signo do silêncio**: Vidas secas e o estrangeiro. São Paulo: EDUSP, 1992.
- MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- OLIVEIRA, Jurema José de. **O espaço do oprimido nas literaturas de língua portuguesa do século XX**: Graciliano Ramos, Alves Redol e Castro Soromenho. Luanda: União dos Escritores Angolanos / UEA, 2008.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Ficção reunida**. Curitiba: UFRP, 2006.
- PINHO, Antônio Carlos, OLIVEIRA, Adilson; BENEVIDES, Genival Meira. **Análise da animalização do homem e do descaso do governo com o problema da seca no nordeste brasileiro em comparação com a obra Vidas Secas de Graciliano Ramos**. São Paulo: Record, 1998.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1997.
- SOUZA, Antônio Candido Mello e. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1992.